

JOSÉ CARDOSO PIRES — *Balada da Praia dos Cães*, Lisboa, ed. «O Jornal», 1982.

«Eu não queria que as pessoas tivessem a certeza sobre se isto é verdade ou mentira, sobre se foi verdade ou ficção. Gostaria que pensassem: isto não aconteceu, mas ele esteve lá.» (1)

«De modo que entre o facto e a ficção há distanciamentos e aproximações a cada passo, e tudo se pretende num paralelismo autónomo e numa confluência conflituosa, numa verdade e numa dúvida que não são pura coincidência.» (2)

Exacto. Função do narrador: revelar o inverosímil, paciente labor de representar os enredos entre as pautas do real (memória exemplar e imperfeita). Trabalho moral por excelência. Se calhar, urgência de exumar os circuitos obsidianes de uma existência social precária. À borda do crime, sentir o bafo húmido dos cães.

Uma história paradigmática, pois.

O que espanta é o universo em que se inscreve e a possibilita: o crime-maior do fascismo, compungindo as personagens, investindo-as numa teia suicida cuja lógica não dominam e as supra-determina até ao isolamento final irreversível.

O espaço dramático da Casa da Vereda vale como uma cifra histórica, lugar de ocultação que resume e concentra a tensão exterior, a quotidiana críspação ao rosto vizinho. Aí o medo («forma dramática de solidão») teceu os enredos todos até ao aniquilamento, síntese perfeita servida por uma memória já imprestável para a libertação.

Chefe Covas, com a sua proficiência mórbida e onanista, guia-nos por entre as tramas e os seus sujeitos: o aventureirismo

marialva do major Dantas C.; Mena-mulher inconcluída; o lúcido desespero do arquitecto Fontenova; a cândida disponibilidade do cabo Barroca; alguma Lisboa em tempo de cinza e tépido abandono.

A técnica narrativa de reconstrução de acontecimentos já perpetrados permite dosear expectativas e evidências, dirigindo a compreensão até ao crepitar dos instantes, aparentemente isolados (ou em modo de seriação de particulares), cuja envolvência e unidade de sentido lhes é conferida, em boa parte, pelo modo-de-ler, naturalmente situado nos parâmetros de uma sequência diacrónica sempre latente mas não determinante. Permite ainda ao leitor uma ilusão de distanciamento, uma não-participação que coenvolve a necessidade do juízo, da crítica descomprometida, a inserir depois (e com reforçada eficácia apelativa bilateral) no próprio teatro da decomposição dos elementos romanescos.

A nós, portugueses, a urgência de olhar a própria face, aqui reflectida, na sua particular circunstância, no que é já, sem dúvida, uma das obras-primas da nossa narrativa contemporânea.

J.P.M.

(1) José Cardoso Pires ao «J. L.».

(2) José Cardoso Pires em nota final a «Balada da Praia dos Cães», p. 256.